

O Doutor recomenda, o Santo decide:

- **A influência do santo protetor na relação do devoto/paciente e o médico. - ***

Antônio Mendes da Costa Braga – UNIVAP – SP

Resumo:

A partir de pesquisa de campo realizada no Nordeste brasileiro entre romeiros do Pe. Cícero Romão Batista, constatei que em muitos casos o devoto - diante da necessidade de se submeter a uma recomendação ou procedimento médico (como, por exemplo, uma intervenção cirúrgica) - submete-se ou não ao encaminhamento deste profissional levando em consideração o que podemos chamar de “opinião ou decisão” do seu santo protetor. Considerando os casos pesquisados, na presente comunicação procuro analisar algumas formas de como ocorre esse processo decisório do devoto/paciente e de que forma a fé e prática devocional ao santo protetor interferem na relação paciente-médico. Procuro igualmente perceber como, o que num primeiro momento podemos identificar como um sistema cultural religioso desses devotos interfere na forma deles se relacionarem e tomarem decisões relativas a outras dimensões da sua vida - que não as estritamente religiosas-, como são os casos específicos de problemas de saúde seus e daqueles aos quais eles estão ligados por laços afetivos e de parentesco.

Palavras-chave: Devoto; Padre Cícero; Saúde.

* Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

INTRODUÇÃO:

A presente comunicação tem como ponto de partida o argumento de que os devotos do Padre Cícero acionam e articulam, na devoção a este santo - notadamente durante as romarias -, e a partir de seus referenciais culturais, determinados *ethos* e visões de mundo que fazem com que a perspectiva religiosa torne-se a mais relevante nos momentos em que eles têm de tomar certas decisões importantes, aqui, mais precisamente, aquelas relativas às questões de saúde suas ou de indivíduos a quem eles estão afetivamente ligados.

Mais precisamente estou partindo da clássica afirmação de Clifford Geertz de que “*a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana*” (Geertz, 1989, pág.67), dentro da qual *ethos* e visão de mundo se confrontam e se confirmam, sendo que é no “*ritual – isto é, no comportamento sagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas. (...) Num ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólica*” (pág. 87).

Nesta perspectiva - mais precisamente nesta comunicação - trabalho com a idéia de que as práticas devocionais, as performances, os rituais e crenças compartilhadas e acionadas pelos devotos do Pe. Cícero em contextos específicos – como, por exemplo, aqueles vivenciados nas romarias ou que emergem numa situação de aflição imprevista (e que muito freqüentemente provoca o pedido de socorro “Valei-me meu Padrinho Cícero”) – tanto dão sentido ao sofrimento, quanto “ensinam como sofrer”, quando estabelecem para o devoto uma hierarquia de sentidos e significados sobre sua vida e o mundo que o cerca e no qual ele está inserido e dentro do qual o santo protetor (ou mais precisamente a sua relação com este santo) passa a ocupar um papel determinante e orientador de suas ações.

Uma das conseqüências destes tipos de relações do devoto com seu santo protetor é a de que muitas vezes isto resulta num relacionamento conflituoso entre um devoto e um médico, quando o primeiro se encontra na condição de paciente. Enquanto o médico – portador de um saber formal e científico – tende a orientar suas avaliações, ações e decisões a partir de uma perspectiva fundada numa racionalidade científica – constitutiva e constituinte de seus próprios sistemas simbólicos enquanto médico – o devoto/paciente muitas vezes tem como principal referência para as suas avaliações, ações e tomadas de decisões, um *ethos* e visão de mundo que se ordena a partir do seu sistema cultural religioso.

Noutros termos, trabalho aqui com a hipótese de que a relação entre o devoto/paciente e o médico (enquanto categorias tipológicas) é potencialmente conflituosa dado que ambos organizam e orientam suas avaliações, ações e decisões a partir de sistemas simbólicos originalmente diferentes – respectivamente religioso e racional-científico.

Friso a caráter tipológico e hipotético dos argumentos acima. E para tanto faço algumas considerações:

- O material empírico que trabalhei foi obtido substancialmente durante minha pesquisa de campo entre devotos do Pe. Cícero. Portanto, as análises da presente comunicação têm como um dos seus limites o fato de que os dados trabalhados dizem respeito à perspectivas dos devotos do Pe. Cícero (pesquisar a perspectiva médica dentro desta relação é, desta forma, um desdobramento possível deste estudo);
- Dadas essas limitações empíricas não é possível no presente momento trabalharmos a relação devoto/paciente-médico numa perspectiva dialética ou mesmo diacrônica;
- Nesta perspectiva, uma das limitações que a pesquisa empírica já realizada impõe e ao mesmo tempo coloca como um desdobramento possível dessa relação aqui estudada (a relação devoto/paciente-médico) é o desafio de pensarmos como certas “mudanças de sentido” vão ocorrendo a partir (mas não exclusivamente) do encontro entre esses tipos distintos de agentes em relação¹;
- Dadas essas mesmas limitações, a presente comunicação configura-se como um esforço hermenêutico que visa compreender melhor – i.e., interpretar – a perspectiva do devoto nesta relação.

O DEVOTO, O SANTO E A SAÚDE:

As questões de saúde são um dos temas principais da relação entre os devotos do Padrinho Cícero e esse seu santo protetor. Há mesmo a possibilidade de que as questões de saúde compreendam o maior número de pedidos de graças e milagres que são solicitados ao Santo do Juazeiro, Padre Cícero Romão Batista. Durante minha pesquisa de campo tive a oportunidade de ver várias situações, obter vários depoimentos e ler várias missivas de “pedidos” que corroboram

¹ Penso que certas noções que Marshall Sahlins trabalha em *Ilhas de História*, como “estruturas performativas” e “eventos”, podem ser um bom ponto de partida para pensarmos essas questões. Neste caso, operando essas noções a partir de uma perspectiva um pouco distinta da questão central desse seu livro, que é a questão da relação entre estrutura e história.

essa minha afirmação. Dentre os depoimentos selecionei um, obtido durante umas das romarias que fiz em Juazeiro, dado seu caráter exemplar:

Era pouco mais das oito horas da manhã de uma sexta feira, dia 28 de janeiro. Considerando o grande número de romeiros que todos anos vão a Juazeiro para a Festa de Nossa Senhora das Candeias a cidade ainda tinha pouca gente. Eu havia estabelecido que naquele dia passaria a manhã no Museu Pe. Cícero observando os romeiros. Faria isso porque uma das primeiras coisas que muitos romeiros fazem ao chegar em Juazeiro – principalmente quando tem promessa a ser paga – é visitar o museu.

O referido museu é um dos mais importantes locais de devoção romeira no Juazeiro e corresponde ao que fora outrora a última residência do Padre Cícero. É um casarão composto de vários cômodos onde estão dispostos armários com roupas, utensílios e objetos variados (como coleções de moedas, louças e prataria) que ou são identificadas como tendo sido pertencentes ao Padre ou como tendo sido ali deixadas por romeiros. Há inclusive objetos exóticos, como uma enorme jibóia empalhada, um grande osso de baleia e uma série de aves mortas que passaram por processos taxiodérmicos. Dois cômodos posteriores são utilizados como sala dos milagres. A parte de trás do museu também funciona como um local de descanso onde o romeiro pode beber um pouco da água fresca retirada de gigantescas moringas, às vezes assistir a um filme de temática religiosa que é projetado num grande telão num dos cômodos, ou ver um casal de pavões que ocupa um cercado no quintal. A parte lateral da casa, onde há um grande corredor, logo que aberta é tomada por mendigos que ali se espalham pelo chão a pedir trocados. Mas o local mais importante da casa é o cômodo onde fica a cama do *Padrinho*, onde devotos depositam fotos, missivas, presentes e os mais variados tipos de objetos e ex-votos, além de cantarem benditos e fazerem preces e orações.

Logo que entrei, dirigi-me ao referido cômodo. Estava vazio e assim continuou por alguns minutos. Um óculos e uma roupa azul sobre a cama (uma bata mariana do tipo que os romeiros usam para pagar promessa feita a Nossa Senhora) indicavam que eu não fora o primeiro a entrar naquela sala, naquele dia. Depois de um tempo um casal chegou, rezou silenciosamente, tocou a cama e saiu. Uma moça de avental vermelho, funcionária do museu, sem muitas cerimônias, retirou os óculos e a roupa azul de cima da cama, pôs num saco e saiu. Pouco depois chegou uma senhora entrou, colocou a mão no colchão e rezou. Quando ela se levantou, perguntei de onde ela era. Disse-me que era de Juazeiro mesmo. Ou melhor, que morava aqui, mas tinha nascido em Barbalha. Veio para cá aos sete anos morar na casa de uma madrinha, no ano de 1945. Ao indagá-la se sua madrinha havia conhecido o Pe. Cícero, ela não só respondeu

que sim, como me afirmou que a madrinha freqüentava a casa do Pe. Cícero e que costuma contar muitas histórias sobre o Padrinho.

Perguntei que histórias eram e seu relato discorreu sobre o fato de que, segundo sua madrinha, no começo o Padrinho morava onde hoje é o asilo. Mas ele dava uma benção onde hoje é o museu, da janela que fica onde funciona a loja de souvenirs. E da janela, segundo ela, ele dizia: “- Vai chegar um tempo em que as pessoas que vão ao cemitério vão olhar para os que estão enterrados e vão querer estar lá!”. E emendou: “- E não é esse o tempo meu filho, o tempo que a gente está vivendo? Tanta coisa acontecendo, tanta morte, filho não respeitando pai, pai não respeitando filho, guerras...”.

Indaguei: “- Então o Pe. Cícero é santo?”.

Ela respondeu que sim, e para ilustrar contou outra história que lhe foi passada por sua madrinha. Contou-lhe sua madrinha que certo dia estava em frente à janela com outros romeiros, esperando o Padrinho para ver o que ele iria falar. Então ele apareceu e falou que iria rezar o rosário da Mãe de Deus. Pediu que quem estivesse com o rosário que o levantasse. A madrinha levantou, mas sabia que estavam faltando algumas contas. Pe. Cícero pediu que quem estivesse com rosário faltando conta que o baixasse. A madrinha sabia que estava faltando, mas não abaixou. Por três vezes o Padrinho pediu que quem tivesse rosário com conta faltando que abaixasse. Na terceira vez a madrinha abaixou, e na terceira vez a madrinha sentiu uma tristeza por não ter abaixado antes e por ter contas faltando no rosário.

Mal terminou esta história e ela emendou uma história pessoal que confirmava para ela que o Padrinho Cícero era santo e fazia milagres:

Sua filha nasceu sem poder andar. Só andou com sete anos. Tinha a cabeça muito grande, as pernas bem finas, as mãos só tinham quatro dedos e eram bem fracas.

Logo que sua filha nasceu ela procurou um médico no Crato. Mas ele disse que não tinha jeito, que a menina não andaria. Foi a um outro em Juazeiro, mas esse disse que era caso para a medicina em Fortaleza, pois lá na região não teriam como ajudar. Em Fortaleza os médicos fizeram exames e com o resultado disseram que a menina teria de ser operada. A mãe perguntou ao médico se eles davam certeza de cura e se tinha risco. Eles disseram que tinha algum risco e que a cura não era garantida. A mãe então rezou para o Padrinho, pediu-lhe uma “luz” e fez a promessa de que se ele lhe iluminasse no que fazer e fizesse sua filha andar, todo dia 20 ela e sua filha iriam se vestir de preto e assistir a uma missa.

No outro dia ela chegou no hospital, era o dia da operação. Disse ao médico que não iria autorizá-la. Voltou com sua filha para Juazeiro. Quadro dias depois de sua volta, quando chegou

em casa encontrou sua filha andando. Segundo ela era o milagre que havia pedido ao Padrinho Cícero. E desde então, todo dia vinte ela e sua filha passaram a se vestir de preto e a assistir uma missa.

No início sua filha tinha vergonha do pai, por isso andava escondida. Quando passou a andar melhor, andava na frente de todo mundo. Lavava louça “que você não dizia que era ela”. O pai morreu, e três anos depois a menina também morreu. Já tinha 24 anos e sentia uma grande alegria de vestir roupa preta no dia 20.

Notadamente feliz a senhora foi concluindo nossa conversa com as palavras que tento reescrever aqui:

“-Tenho até hoje a roupa dela. É uma beleza. Por isso que eu venho aqui no museu quase todos os dias, agradecer meu Padrinho. Então diga meu filho, me diga se meu Padrinho não é Santo?”.

O relato acima transcrito é exemplar, do ponto de vista das similitudes fundamentais com muitos outros que foram por mim observados ou colhidos na minha pesquisa com os romeiros e devotos do Pe. Cícero. A escolha desse relato, portanto, não é arbitrária. Entretanto, não tem, neste momento, a intenção de ser uma comprovação empírica irrefutável dos argumentos analíticos que aqui estou adotando. Minha intenção é precisamente apontar para que tipos de congruências encontrei entre o que estou adotando como abordagem epistemológica e o que obtive enquanto dados empíricos.

Neste sentido – e feitas tais considerações – chamo a atenção para o fato de que, como já foi dito, estamos diante de um sistema cultural religioso onde *ethos* e visão de mundo se confrontam e se confirmam. Diante da tragédia, da dor e do sofrimento, a devoção e a crença na santidade de seu Padrinho possibilitam que ela tenha uma relação com a vida e suas contingências que é muito diferente da que teve a mulher Ba-lla da história narrada por Geertz em *A Interpretação das Culturas*. Ao contrário da mulher Ba-lla que sai pelo mundo procurando Deus e “o significado de tudo isso” (da tragédia, da dor e do sofrimento), a senhora do Juazeiro encontra, nas suas crenças e devoções religiosas, um sentido para “tudo isso”. Na certeza de que o Padrinho é santo, de que ele faz milagres, na filha deficiente que anda após uma súplica ao Padrinho, na alegria de vestir-se de luto todo dia 20 (cumprindo sua promessa), na visita ao museu, tudo converge para a certeza de que ela não está só e de que a dor tem algum sentido.

Naquele cômodo do museu aquela senhora me contou uma história trágica, repleta de dores e de perdas. Para mim, o que se destacava naquele seu encontro comigo (com um rapaz que escutava atento sua narrativa) era um certo – e paradoxal - timbre de alegria em sua voz, que se

tornou explícito quando ela pronunciou a última frase de sua narrativa: “*Então diga meu filho, me diga se meu Padrinho não é Santo?*”. Efetivamente, ela tinha como referência algo que lhe ensinava como sofrer, tornando as dores e tragédias da vida algo tolerável, suportável e, paradoxalmente, nalguns momentos, instituidor de alegria. Como Geertz – e dentro do escopo antropológico que aproxima este trabalho de suas idéias – creio que este algo é um sistema cultural religioso que se realiza e se confirma para o indivíduo a partir de ações que se remetem a esse mesmo sistema cultural. Aqui, no caso, meu desafio é o de aproximar-me – em casos como o dessa senhora e pela via interpretativa – do que pode ser entendido como um possível sistema cultural religioso dos devotos do Pe. Cícero. Um sistema cultural religioso – que ainda que seja em si, na sua formação antropológica, uma abstração científica – tem sua veracidade e complexidade garantida por aquele que o experimentam e vivenciam concretamente, como atesta a frase proferida por uma das minhas informantes: “- *Quem se vale de meu Padrinho Cícero não sofre, ele livra de qualquer perigo. Pode ter certeza disso de coração de Deus!*”.

Noutros termos, penso que uma das perspectivas possíveis para entendermos melhor como o devoto opera, organiza, interpreta e age em relação a certos problemas de saúde que o acometem, é considerarmos que muitas vezes – numa ampla maioria dos casos dentro dos quais ele recorre ao santo protetor – o problema de saúde é vivenciado como sofrimento. Neste caso, ainda que o encaminhamento médico e os recursos da medicina possam ser reconhecidos como eficazes pelo devoto/paciente, a medicina e seu agente – o médico – são um meio para a cura, mas não necessariamente estruturadores de sentidos. Neste caso, os sistemas simbólicos religiosos – e as práticas e experiências religiosas a eles pertinentes – tendem a serem muito mais eficazes e convincentes, notadamente quando a questão subjacente e fundamental é o sofrimento e seu sentido.

CONCLUSÃO:

Nas suas vidas – como por princípio é a vida de qualquer ser humano – são inúmeras as vezes em que os romeiros se vêem confrontados ou se confrontam com as certezas e incertezas do viver, das suas relações com o mundo e seus imponderáveis, contingências e estruturas que parecem conspirar contra sua pessoa. Uma doença (ou sua cura), o alcoolismo de um parente próximo (ou a abstinência conquistada), o desemprego (ou o emprego conquistado), uma estiagem (ou um ano de boas chuvas), a pobreza (ou um período de menos penúria), um mundo

que reconhecem como dividido entre “pobres” e “poderosos” (ou um apadrinhamento conquistado e a necessidade de se submeter a relações clientelistas), a dificuldade em ter acesso a benefícios fundamentais (como um sistema de saúde decente): atrás de muitos rituais, súplicas, agradecimentos e preces aos santos, um bom observador pode perceber que certezas e incertezas sobre a vida e o mundo são mobilizadas e tornam os devotos sensíveis às possibilidades experimentais e existenciais que transcendem o “aqui e o agora” de suas vidas cotidianas, ordinárias. É o trânsito de ida e volta, assinalado por Geertz (1989, pág. 87), que corre entre a perspectiva do senso comum e a perspectiva religiosa dos indivíduos.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A Terra da Mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; INL, 1988.

BROWN, P. **The Cult of the Saints**. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

CAMPOS, Roberta B. C. Utopia e Sociabilidade: imagens de sofrimento e caridade no Juazeiro do Norte. **Revista da USP**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 211-250, 2003.

_____. Carneiro. Sofrimento, misericórdia e caridade no Juazeiro do Norte: uma visão antropológica das emoções na construção da sociabilidade. **RBSE**, João Pessoa, v.1, n.1, pp. 106-118, abril de 2002.

_____. **Nossa senhora Andou por Juazeiro do Norte: explorando critérios de validação nos milagres e “causos” de Juazeiro do Norte (CE)**. In: Steil, Mariz e Reesink (orgs.). *Maria entre os Vivos: reflexões teóricas e etnográficas sobre as aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes do fazer**. 2ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro: a beata do milagre**. 2ª edição. São Paulo: Annablume Editora, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. (formato 27x21 cm)

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. 4ª. Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MENEZES, Renata. **A Dinâmica do Sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

RAMOS, Francisco Regís Lopes. **O Verbo Encantado: a construção do pe. Cícero no imaginário dos devotos**. Ijuí: Unijuí, 1998.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SCOTT, James. **Weapons of the Weak: every day forms of peasant resistance**. New Haven: Yale University Press, 1985.

SILVA, Antenor de Andrade. **Padre Cícero: sacerdote, médico e conselheiro**. 1ª. edição. Salvador: Livraria Salesiana, 1992.

SLATER, Candace. **Trail of Miracles**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1986.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. 1ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 1996.

TURNER, Victor & TURNER, Edith. **Image and pilgrimage in Christian culture**. Oxford: Basil Blackwell, 1978.

ZALUAR, Alba. Os Santos e Suas Festas. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n. 8, p. 53-60, julho de 1982.